

# A REDEMPÇÃO

FOLHA ABOLICIONISTA

Redactor-chefe, Dr. Antonio Bento

S. Paulo, 13 de Maio de 1895

EDICÇÃO COMMEMORATIVA

S. Paulo, 13 de Maio de 1895

## A REDEMPÇÃO

S. Paulo, 13 de Maio de 1895.

Sete annos fazem hoje que por um decreto da monarchia, legalizou-se a obra na qual ha tantos annos trabalhavamos.

Quanto soffremos, pondo em risco a nossa vida e a nossa fortuna, ainda está patente na lembrança de todos.

Quantas injurias nos foram atiradas como comedores de peculios; como revolucionarios e perturbadores da ordem publica, estão nas collecções de jornaes que hoje pregam a liberdade sem a comprehendem.

Algun espirito estudioso que queira algum dia, escrever a historia da nossa propaganda irá desfolhar essas collecções e por ellas verá a lucta que tivemos.

Commemorando esta gloriosa data, a maior do Brazil, com as lagrimas nos olhos, enviamos deste humilde jornal, um abraço a todos aquelles nossos companheiros que ainda existem e que conosco operaram na grande reforma por que passamos.

Desculpem os nossos collegas da imprensa a rudeza de nossa palavra por que, jornalista por necessidade, só podemos uzar a linguagem das ruas, unica que convence o povo.

O jornal que hoje offerecemos ao publico não é mais que uma pallida recordação do passado.

## HONRA LHE SEJA

Dois ideacs realizados: — 13 DE MAIO e 15 DE NOVEMBRO.

Deste já temos encontrado combatentes de hontem no esmorecimento acabrunhado dos arrependidos, espraiciando o olhar saudoso pelas reminiscencias que fogem para os terminos do passado, esbatidas de frente pelo facho denunciante com que a Historia illumina o caminho dos seculos.

E a phalange dos arrependidos augmenta dia a dia, gremiando, em peditorio de magdalenas, pelas estradas da amargura, adhesões compassivas para o regimen decahido.

Não é de ductador tal postumo esmorecer.

Se ha pusillanidade, ou tolerancia criminosa por interesses inconfessaveis, em romper com os vicios enraizados em um povo sem tradições que em parte os justifique, nas suas energias colpeado por quatro seculos de sophismas, irrompe o gladeador, da arena, dos direitos, contra a peccaminosa fraqueza dos seus e accomette com fervor o erro e a falsidade até baquear na refrega ou alcançar a victoria. Mas nem sempre a convicção retempera o caracter — e o numero dos arrependidos cresce na proporção das desillusões que nascem com o falsoamento da verdade.

Se os ha, porém, com relação a 15 DE NOVEMBRO, dos victoriosos de 13 DE MAIO nenhum baixou a frente ao peso de um desengano.

A obra vivificadora da abolição da escravatura, tem derramado seus beneficos resultados por todo o abençoado solo da Patria.

O escravidista de hontem envergonha-se de seus temores; a liberdade do escravo não trouxe o saque e

o assassinato como pregoavam os negreiros augures do trafico selvagem.

Para onde foram esses milhares e milhares de homens repentinamente arrancados ás escuridões do captiverio lançados ao foco luminoso da liberdade sem que deslumbrados se transviassem do caminho do bem?

Gratos e cheios de amor pela terra que até então lhes fôra madrastra, cilos no incognito do borborinho popular levando o concurso do resto de suas forças ao engrandecimento da Nação.

E não se evoquem providencias esquecidas aos encarregados dos destinos do paiz; nem uma escola para os libertos.

Honra lhes seja que nada mais necessitaram além da sua liberdade para se guindarem a alturas a que nem sempre têm attingido os que a negavam.

Honra lhes seja, que têm sabido santificar a dedicação dos que luctaram pela igualdade dos brasileiros.

Honra lhes seja que souberam perdoar.

G. CARDIM.

## ANTONIO BENTO

Hoje que se commemora uma das datas mais notaveis da nossa historia de povo civilizado, como abolicionista, que alguma cousa fiz na imprensa pela liberdade dos pretos, venho juntar os meus applausos aos que deve receber hoje o intemerato batalhador, que deu o golpe mortal na negregada instituição e que foi o mais tenomo paladino dessa lucta tremenda nos ultimos tempos.

As lagrimas de gratidão dos ex-escravos dev m ser, em compenacão, bem suaves para aquelle que soffreu todas as injurias e todas as calumnias e que hoje tem a grata satisfação de viver eternamente no coração e no espirito de um raça infeliz, que soffreu no Brazil por espaço de tres seculos a mais negra das escravidões.

Antonio Bento, eu vos saúdo!

TANCREDO DO AMARAL.

## FORUM

Uma das cousas de que mais precisava esta capital, era um *Forum*. Infelizmente o governo, apesar da sua boa vontade, comprou uma casa velha, acanhada e sem commodos, e arremessou ali, além do *Forum*, a typographia estadual, ficando as duas repartições mal accommodadas.

Bem diz nho Bento João do O' que aquillo não é *Forum*, mas é *forum*. Muitos escrivães, e os principaes delles tem seus cartorios fóra do edificio, não falando no sr. Eulalio de Carvalho que, por ser quem é, entendeu collocar o seu cartorio no 3.º andar de uma casa da rua Florencio de Abreu, unicamente para moer as partes.

O actual *Forum* não satisfaz as exigencias do publico.

Pequenos cortiços onde os escrivães não se podem accommodar com seus ajudantes, nem os advogados encontram uma mesa para os trabalhos de occasião.

As portas dos cartorios, feitas de pinho branco, não offerecem resistencia para os gatunos quando queiram roubar autos importantes, onde está, muitas vezes, o sacrificio da vida inteira de um homem.

Uma guarda de policia ali devia sempre estar postada, para garantia de tantos autos.

Devia tambem haver uma prisão preventiva para os criminosos, cujos processos estão em andamento, afim de evitar-se o triste espectáculo de andarem expostos pelas ruas, muitas vezes homens innocentes.

Tambem devia ser prohibido percorrerem os advogados e partes, os salões, de chapéu na cabeça e cigarro na bocca, como si aquillo fosse praça do mercado.

A justiça impõe-se pelo respeito.

AO CHEFE ABOLICIONISTA

Dr. Antonio Bento de Souza e Castro

SONETO

Nas luctas do escravismo brasileiro  
Tens um nome sem par, grande, elevado!  
Qual valente, sincero, bom soldado  
Libertastes o solo do cruzeiro!

Com aspecto sereno e prazenteiro  
Redemistes o infeliz e desgraçado;  
— Vós quebrastes do pulso ensanguentado  
As algemas cruéis do captiveiro!

Déstes um nome a patria brasileira;  
Fazendo-a assim ganhar altiva gloria,  
Fazendo triumphar livre bandeira!

Alcançastes por fim aurea victoria!  
Dou-vos disto a certeza verdadeira  
Que um nome gravado tens na historia!

Itatiba, Abril de 1895.

AMELIO BRAGA.

## Deposição de um bispo abolicionista

Quando a lucta pela consagração do dogma da unidade da especie humana tao eloquentemente pregado por Locordaire, cujas palavras foram invocadas pelo finado Monsenhor Pinto de Campos em 1871, excitou no coração nacional o fervor que transportou ao heroismo os resolutos abolicionistas, o sordido interesse negro, irritado nas almas brancas, que não se enrubesciam dos moves pretos, que as sacrificavam, organizaram contra os martyres da liberdade toda a serie de persiguições e massacres descriptos por Channing e Charles Comte.

Foi chegado entao o momento propicio para que o Ministerio de Christo sempre prompto e affouto em abençoar todos os grandes committimentos generosos em que rescende-se á influencia do Christianismo viesse corajosamente associar-se aos que soffriam, não só para amparal-os, animando-os com suas pijs consolações, mas para affrontar com elles os ultimos ataques da resistencia, assumindo a offensiva e que nem ao nome de Deus queria ceder e curvar-se.

Coube ao venerando conde de Santo Agostinho a gloria de escrever como bispo de Pernambuco a primeira e inspirada pastoral, em que legitimou o movimento abolicionista imprimindo-lhe o poderosissimo impulso, que transmittiu a todo o episcopado brasileiro o entusiasmo que aqui e ali começou a transluzir.

E' preciso não esquecer que nesta diocese já sacerdotes distinctissimos haviam proferido nos templos, sermões de verdadeiros padres intrepidos, em favor da causa da Redempção dos captivos; mas a manifestação do episcopado catholico quem teve a honrabilidade de a iniciar foi o venerando conde de Santo Agostinho. Este agosto e exemplar prelado brasileiro, transferido da diocese de Olinde para o Rio de Janeiro está actualmente em sua terra natal Taubaté, deposto, porque tendo sido o seu bispado elevado a archidiocese, não o

quizeram promover a arcebispo, mas removel-o para a nova diocese criada de Nicteroy.

E como não quizesse elle concordar em ser rebaixado, attribuiram-lhe uma renuncia que não fez e assim o depuzeram sem causa e sem os tramites canonicos.

Mas não fizeram só isto. Além de o privarem do seu beneficio, não lhe destinaram meios de subsistencia, ficando assim não só a sua existencia desamparada, mas a sua dignidade episcopal despida dos cuidados necessarios para seu esplendor e magestade.

Sao estas as condições que assignalam a lamentavel proscricção de venerando bispo abolicionista, o respeitavel conde de Santo Agostinho.

Dois sao os motivos geralmente apresentados, não para justificar mas explicar a sua deposição.

Primeiro: o seu desejo de restaurar as ordens regulares pelo noviciado nacional. Segundo, intrigas feitas em Roma, porque o governo deportou dois padres estrangeiros, que ameaçavam a vida do seu vigario geral.

O Congresso Federal já iniciou a discussão do projecto augmentando a pensão civil, que o Estado concedeu ao venerando servidor da Nação Brasileira.

O augmento não desnatura o auxilio de pensão que é para subsidio a culto.

E' um acto pessoal ao servidor do Estado cujos serviços pedem a revisão do quantum já lhe foi dado attentas as suas circumstancias especificas.

A confirmação da deposição do Conde de Santo Agostinho, depois dos telegrammas expedidos pelos representantes da Nação e da enviada de um embaixador para impedir que elle se consumasse, exige estando o caso *re integra*, que o Congresso Federal não immole a dignidade nacional ao preconceito religioso, e a presão ascendente da companhia dos jesuítas, ensaiando em nosso paiz os flagellos que propagou no velho Portugal.

E' preciso que o Congresso Federal saiba honrar a confiança que recebeu, demonstrando que na deposição do Conde de Santo Agostinho, sentiu a dor e ouviu o estalar da bofetada, vibrada na soberania nacional e na illustração catholica dos brasileiros.

E nós abolicionistas, que uma vez cada anno nos reunimos para congregar em um amplexo fraternal os que ainda vivem e regar de lagrimas a memoria dos que já morreram e recordam em José Bonifacio e Dantas os dois martyres parlamentares da nossa causa hoje triumphante; ajoelhemos-nos para oscular o sagrado anel do magnanimo Conde de Santo Agostinho deposto, mas glorificado porque coube-lhe a primazia de haver iniciado o movimento official do episcopado brasileiro, em prol da redempção dos escravos.

FERNANDES COELHO.

## O CLUB INTERNACIONAL

Decididamente S. Paulo pôde se orgulhar de ter um dos melhores clubs talvez, do Brazil.

Ali, o capitalista, o magistrado, o negociante, encontram horas de recreio; ali encontram jornaes de diversas procedencias, ali feicham-se negocios, muitas vezes de alta importancia.

O retrato do Menezes Borba, com aquelle bigode caracteristico, mostra

a todos os visitantes que elle é a alma daquelle club.

Ha poucos dias fomos ali, em companhia de alguns amigos fazer uma visita. Uns liam jornaes, outros jogavam xadrez, outros bilhar, outros proseavam, quando de repente, oh! Santo Deus, um creado, armado de enorme sincerro, tocou chamada geral; e de todos os cantos corriam apressurados, aos empurrões, quebrando chicaras e pires, para o assalto ao café.

Julguei que era algum delicto ou ataque da policia ao estabelecimento, mas fiquei pasmo quando vi que era unicamente a hora do café!

Achamos que seria mais decente serem os socios servidos pelos creados, porque isto de sincerro indica muita coisa.

## A escravidão

Pretende-se solemnizar o anniversario da emancipação de irmãos nossos, que viviam atrophiados sob os grilhões da escravidão em um paiz que se jactava de christão, aspirando os fóros de civilizado; e eu, que havia observado por espaço de cerca de 30 annos os soffrimentos atrozes e os tormentos dessa infeliz raça, sem direitos, sem poder constituir familia, sem poder possuir propriedade e sem o gozo das regalias de cidadão, descendente toda ella de gente livre, escravizada pelo direito da força bruta, como sao os nossos aborigenes e os africanos, penalizado de tao triste condicção, tambem procurei prestar os meus humildes serviços para o melhoramento dessa desventurada raça.

Não sou arrependido do pouco que fiz, na orbita da lei e da religião, em beneficio dos escravizados, e ainda hoje o faria, se preciso fosse, mas nunca pensei, nem perpassou-me pela imaginação que, extincta a escravidão fosse creada a classe de livres-escravos.

Em minhas santas aspirações, trabalhando em beneficio do povo, desta sociedade cheia de ruins preconceitos motivados pela instituição da escravidão, jámais cogitei que dias peiores nos estariam reservados.

Infelizmente, tantos erros e culpas tinhamos e temos commetido, que o céu, com o justo fim de nos fazer arrepiar carreira, castiga-nos com o flagello da fome, pest e guerra!

Deus castiga os máus governos nas pessoas do seu povo, tanto mais quando este é destituido de crencas e é indifferente aos seus legitimos interesses.

Affastemos de nossas vistas tantas tristezas e os caliginosos tempos que toldam o céu da patria, afim de sómente lembrarmos-nos da emancipação dos escravizados; e nesse dia glorioso entoemos hymnos de contentamento ao Deus do mundo universo, agradecendo e pedindo-lhe melhores dias para nossa patria.

E eu, providencialista e crente como sou, não desanimarei, espero do Altissimo que em sua Alta Sabedoria, si bem que esteja convencido, não será para meus dias, outorgue á este pobre paiz a paz, a concordia e a prosperidade.

Assim queiram os meus concidadãos interessar-se por esta patria, a qual tanto affecto tributava-lhe, que nos será concedido gosarmos dos optimos fructos da feliz extincção da escravidão.

Mogy das Cruzes, 3 de Maio de 1895.

CON. ANTONIO GUIMARÃES BARROSO

## 13 DE MAIO

A conquista desta gloriosa data para a historia do Brazil foi incontestavelmente o feito mais brilhante da civilização sul americana. Ainda hoje, quando rememoramos as nossas luctas, quando evocamos a lembrança desses tempos, os golpes de audacia, a firmeza de planos, a arrogancia na propagação das ideias, o entusiasmo na defesa da causa, até a hypocrisia,—peccado nefando de que tu nos absolveste, ó 13 de Maio!—e que praticámos tantas vezes junto à imbecillidade interessada do senhor de escravos, tudo isso nossa alma sente e goza de tal modo, que eu chegaria a ter saudades de ti, ó quadra negra de meu paiz, si não tivesse tido a felicidade de occultar—com o 13 de Maio—aos olhos de meus filhos, as vergonhas e opprobios que nos fazias tragar!

E' que, naquelle tempo, todos nós obedeciamos cegamente, abnegadamente, a um unico impulso—a nobreza do sentimento. Não cogitavamos do interesse pessoal, e dahi a altivez com que se esmagava a calumnia quando ella tentava—á semelhança do guanaco,—fazer-nos recuar, expellindo cusparadas. Não faziamos politica: os partidos que militavam pela posse do governo, encontravam-se reunidos quando se tratava da abolição.

Não havia entre todos nós brasileiros,—odios e intransigencias que nos levassem á perseguição e á vingança *post-factum*.—Combatiamos, é certo; mas no dia da victoria, quando subtrahiamos o homem ás garras do feitor e ao látigo da escravidão, o senhor fazia causa commum commosco, tornava-se nosso alliado, e não raras vezes era preciso auxiliar... para que fizessemos o mesmo ao seu visinho!

Abençoada causa essa, que nos elevava aos olhos da humanidade como um povo que sabia collocar acima dos interesses materiaes nas contingencias da vida, a nobreza de seus sentimentos egualitarios, democratizando-se pela abolição do captivo!

Hoje... sete annos após essa data gloriosa em que a alma nacional vibrou de alegria, que somos nós?

Homens desfibrados, cansados da lucta, adormecidos sobre os louros colhidos na peleja?

Não: e aqui vai uma advertencia aos que julgam que os antigos abolicionistas só tinham em mira a liberdade dos pretos: Quando todos nós trabalhavamos pela redempção dos captivos, collaboravamos para a Republica, que não se fez esperar, trazendo como divisa—liberdade, egualdade e fraternidade,—palavras sonoras e acariciadoras, que eram o thema obrigado de nossos discursos e artigos na propaganda, e o horror de certos Tartufos, que depois de pregarem contra o *peccado republicano*, assenhorearam-se da casa e expulsaram os donos.

Não tardou que a respeito de liberdade torcessemos as orelhas sem deitar-pinga de sangue. No que toca á fraternidade, não ha negar que vai até o abuso... na correspondencia official e no amor com que a guerra civil offerece em holocausto, ao altruismo positivista, a vida de nossos coincidadãos.

Do lemma resta pois, a *egualdade* mas essa foi conquista nossa, porque raiou no dia 13 de Maio, com a abolição do captivo.

Os abolicionistas, pois, vendo que seu trabalho perdura, glorificado por aquelles mesmos que o combatiam, deixam que a ambição de governo agite odios e paixões, transforme os caracteres, desenvolva a epilepsia convulsoria dos agitados que vão cavando a ruina publica, até que um desmoronamento os suffoque; mas estão sempre alertas, e no dia em que a escravidão do branco vier implantar-se sobre as ruínas, elles tocarão a reunir e levarão á sua frente um estandarte em que, entre fulgores, como uma aurora, ha de resplandecer a data 13 de Maio.

Pratiquem a liberdade e a fraternidade como quiserem, mas não nos dêem a escravidão do branco, em troca da redempção do preto, porque o abolicionismo ainda vive. Nossa conquista chama-se: *Egualdade*, o nasceu antes da *Ordem e Progresso* da capellinha da *Umanidade*.

Convém não esquecer-o.

HIPPOLYTO DA SILVA.

## ORPHÃOS ESCRAVISADOS

As leis portuguezas que ainda regem o nosso paiz providenciaram no sentido de não ficarem os orphãos abandonados.

Essas providencias, porém, entendiam-se com os que sem pae ou mãe, podiam succumbir na miseria.

Quem criava um orphão por 7 annos, tinha direito aos seus serviços por outros 7.

Era uma comprehensão regular pelo trabalho do educador.

Hoje, porém o focto não se dá por essa fórma.

Uma pobre mãe, com todo sacrificio cria seu filho, na pobreza e miseria, vem um patife, quando vê que a criança pode prestar serviços e requer ao juiz a entrega do orphão, allegando ser a mãe pobre e miseravel.

O destino que tem esses infelizes, todo o mundo sabe; se é mulher acaba na prostituição; se é homem acaba como gatuno.

Prestar serviços e mais serviços, apanhar e soffrir até a fome é a unica educação que dão esses canalhas.

Alguns ha, tão velhaes que nem admittem que as pobres mães vejam os filhos.

Institutos para recolher essas creanças deveria ser um dos cuidados do governo.

O sr. Cesario Motta que tem sido o exemplo do patriotismo; que tem elevado o nome republicano a altura que merece, tem creado tudo que é bom para os ricos e nada para os pobres.

## Os pretos excluidos de tudo

Promulgada a lei de 13 de Maio, a gloriosa lei, sahiram os pretos, coitados, das casas dos seus antigos senhores, levando como recompensa as cicatrizes dos castigos immoderados, e os mulambos com que se cobriam.

Nenhuma lei, nenhuma providencia tomou o governo no sentido de melhorar a sorte desses infelizes.

O immigrante estrangeiro que aqui vem esmolar, dá-se terra e instrumentos de lavoura e ainda se lhes dá hospedagem gratuita.

No quadro da policia, em frente de mil ladrões estrangeiros encontra-se o retrato de oito pretos, que talvez por fome tivessem roubado um pão!!

Que povo esquecido meu Deus!

Que gente ingrata!

Nos institutos religiosos que actualmente existem em S. Paulo, nos diversos collegios que sempre abrem 2 ou 3 logares para os pobres, os filhos dos pretos não são admittidos.

Allegam como razão que os brancos é que sustentam esses estabelecimentos, e, como os brancos ricos são os antigos escravocratas, não consentem nesses estabelecimentos os filhos dos pretos.

Ha escolas modelos, mas não vê nelas um preto.

O escandalo chega até ao ponto do sr. Arco-Verde fazer o regulamento do Seminario Episcopal com o seguinte artigo:

ARTIGO 10.—Para ter lpar entre os gratuitos e meio-pensionistas do Seminario é preciso o pretendente não ser de cor Preta!!!!

Note oh! Zé povinho, oh! Caiphases meus, que no artigo 7 do mesmo regulamento o meio-pensionista é aquelle que paga duzentos mil réis por anno.

De sorte que o preto nem mesmo pagando, pode ser alumno do Seminario.

Este regulamento foi dado pelo sr. Arco-Verde, sob seu signal e as armas... sem ser as de S. Francisco.

Bananas devem offerecer os pretos para um bispo sem caridade no cumprimento de seus deveres.

## A Estrella d'Apparecida

Bojudo fradaldão de largas ventas que em vez de tratar dos interesses de Nossa Senhora da Aparecida, que delle não precisa para cousa alguma, creou um jornal que em vez de propagar as doutrinas de Jesus Christo, insulta a humanidade.

Tendo nós oscripto no ultimo numero da *Redempção*, censurando esse jornal por aconselhar o recrutamento, como meio dos fazendeiros terem trabalhadores gratuitos; prega um murro nas grades da imprensa e os diques das asneiras arrebeta.

Afirmou esse poço de asneiras e de esterco que o redactor principal desta folha occupava-se unicamente em fre-

quentar os lupanares desta capital. Nós que vivemos uma vida mais santa e pura do que esse borra bota que envergando uma botina para dar exemplo ao povo, só cuida dos seus interesses e em amontoar capitaes, fazendo da nossa religião objecto de commercio, não demos importancia alguma as suas asneiras.

Actualmente consta-me que esse individuo, posto de um hotel para fóra, quer por força convencer ao dono do dito que lhe deve dar comida de graça.

Ora bolas seu coroadado!

Hoje estou convencido que de rezar e servir a Deus se pode fazer fortuna.

## Projecto monstruoso, inaudito e rubicundo

O vereador da camara municipal de Jundiaby, antigo barbeiro desta praça, Avelino de Figueiredo apresentou um projecto a sua municipalidade, que a ser executado seria uma das maravilhas do seculo.

Nada mais e nada menos, ó Zé povinho, do que a criação do hospital-azylo do Bom-Jesus do Calvario, dos Sete Passos Dolorosos.

No projecto ficavam os irmãos, uns abençoados, outros benemeritos, outros bemaventurados.

Uma extensão de quatro leguas devia occupar o edificio, de sorte que, principiaria o edificio em Jundiaby e acabaria 3 leguas adiante de Campinas.

Uma das cousas que achamos nesse projecto de grande importancia, é serem os alumnos e professores obrigando a serem sangrados 3 rezes por anno, pelo benemerito, abençoado e bemaventurado auctor do projecto Avelino de Figueiredo.

Realmente o homem que tanto barulho fez para que se libertasse com enorme indemnização a sua preta Esméria, espionou as culpas desse peccaço fazendo esse monstruoso projecto.

A republica collocou certos typos em certas posições que os proprios directores desse partido acharão graça quando conversarem em familia.

Ora um barbeiro legislando!!

Sebo... é facto unico na historia.

## A vós, só a vós

Aos abolicionistas que o foram pela abolição e não pelo interesse.

Dizem que a abolição dos escravos pretos entre nós foi feita com flores. Eu não o digo porque para mim a fizeram com trabalho, com sacrificios e com sangue. Depois vieram coroados de lyrios e violetas, mas porque ella, a 13 de Maio de 1888, representava a victoria suprema de uma cousa sanctificada pelo martyrio de um povo e pelas aspirações da Democracia.

Mas eu não preciso dizer que a lei aurea custou ás phalanges abolicionistas uma serie de esforços herculeos, um lapso muito grande de lucta e até o sacrificio cruento de muitas vidas. A historia da propaganda que encheu de glorias a data de hoje, não deve ter decahido já da memoria dos homens. O que eu preciso dizer, é que o combate ferido contra as iniquidades que em meio da civilização opprimiam uma raça inteira e a reduziam á condição de *cousa*, podia ser menos difficil e menos sanguinolento, attento esse facto de ter elle logar em meio da civilização—essa mesma que para vencer e impôr-se vai proclamando os principios de fraternidade humana.

Para tanto, para desbravar a brutalidade desse combate bastava... o cumprimento de nosso dever. Cumprissemos os nossos deveres, e poderiamos todos, cada um suavemente e todos pacificamente, elaborar as obras immensas que, como a abolição, o patriotismo, o amor, a ideia ou a religião nos impõe. Cumprissemos os nossos deveres e desappareceria da face da terra a necessidade dessas luctas em que, como na lucta abolicionista, a gente paga sobre o imposto do tempo e sobre o imposto do dinheiro, o imposto carissimo do sangue.

Sim, porque não é sómente a espada e o fuzil que traçam com sangue, nas paginas da historia e na tela da gratidão nacional, os nomes e os feitos que, illuminados pelo sol das bençãos populares, sobem de seculo em seculo até os páramos sem fim da immortalidade. Também a penna delicada e a palavra mansa inscrevem nessas paginas e nessa tela, em alto relevo, os nomes e os serviços que passam victoriosos, como processão triumphal, entre as gerações que se succedem.

E' que tanto vale trucidar um energumeno violento, um inimigo do Bem, com uma cutilada valente, como dar, na tribuna ou no lar, no jornal ou na sociedade, um exemplo de patriotismo ou de amor, uma lição de civismo ou de fraternidade, em prol das grandes causas.

Mas—me dirão—nem sempre os exemplos são imitados nem as lições são fecundas. De accordo. Não raro, exemplo e lições cahem, como sementes pôdres, em terra maninha. A degeneração é uma lei, a maldade existe e a virtude é uma como penitencia.

Na propria familia—n'esse conjunto immenso pelo lado moral, mas pequeno pelo lado physico—dos irmãos que assistem ao mesmo exemplo e aprendem a mesma lição, uns encaminham-se pelos ensinamentos sãos, á luz purissima da virtude; emquanto outros vão pelo lusco-fusco dos vicios, até as trévas densas do carcere ou até a paz gemebunda dos hospitaes.

E' a lei da degeneração. E aquelles que são alcançados por essa lei, aoavez de, nos planos uberrimos da ordem, trabalhar pelas grandes causas, que são as causas de todos; aoavez, de, nas officinas da paz, servir o interesse commum que é o interesse de cada um; aoavez disso, procuram manter-se em grandeza á custa do labor do escravo branco ou preto, embora para tanto lhes seja preciso abrir uma guerra cruel contra o coração, contra a ideia, contra o direito, contra a justiça, contra o Bem.

Depois disso, depois de transvio, o desvairamento; depois a familiaridade com erro, a pratica do mal, a coragem do crime, até a guerra declarada contra irmãos, em prol das ambições egoistas; depois... a phalange dos reprobos, o exercito dos degenerados.

Então para combater essa phalange e esse exercito quem deve levantar-se?

Outros reprobos e outros degenerados? Não. Quem devem combater os transviados, são os fieis; quem devem combater os que não comprehendem seus deveres, são os que comprehendem sua missão no meio das sociedades ou no seio da humanidade...

Feitas as cousas assim, fica justificada a lucta santa que terminou ha sete annos; mas não sei si a renhidez dessa lucta reclama e merece a gloria e as flores com que recebemos os que veem da propaganda pela liberdade dos escravos pretos.

Os abolicionistas comprehendem e cumpriram o seu dever; porém, o cumprimento do dever assistente, não é um acto de abnegação admiravel, sinão uma obrigação commum.

Offerecer a vida em holocausto para todos os transees a que somos obrigados como humanos e como cidadãos, não é ser um heróe, porque isso é a prescripção do estatuto civico, fóra de cuja letra e de cujo espirito nós tornamos indigenos da propria existencia.

Gastar os dias, a intelligencia e o esforço nas pelejas que são proprias de nós mesmos, não é fazer jus a honras e a glorias que só cabem aos bravos excepcionaes e aos sabios consagrados. E quem pratica como deve, não merece mais que os fóros de homem de bem.

Honar esses fóros, ir até aos sacrificios inherentes á qualidade de homem e ao titulo de cidadão, isto é, attender aos interesses de todas as causas que falam á grandeza das sociedades ou da humanidade, é ter um procedimento correcto, mas vulgar.

Logo... logo é muito difficil e duvidosa a vossa gloria, ó abolicionistas a quem escrevo. Cumpristeis simplesmente o vosso dever e portanto simplesmente sois homens. A immortalidade deve ser dos que levam seus feitos desde o sacrificio até ao heroismo. E' muito difficil e duvidosa a vossa gloria.

Mas... neste quartel de seculo— neste tempo em que os homens parece que adoptaram por divisa esta trindade nefanda: prazer, mentira e corrupção; neste tempo em que a Lei é a vontade pura e simples do vencedor do dia; neste tempo em que, na phrase de A. Herculano, «a prostituição sentou-se no logar da equidade e os homens vendem a consciencia no mercado dos poderosos, como as mulheres de Babilonia vendiam o corpo e os beijos na praça publica, aos que passavam, diante da luz do sol;» neste tempo em que a consideração publica pelo individuo cresce na razão directa de suas torpezas dello; neste tempo em que a gente sobe ás posições culminantes pelos processos da fraude, da mentira, do embuste, da prevaricação, e lá em cima a

gente massacrta impunemente a liberdade do povo, conspurca impunemente os direitos do cidadão, violenta impunemente as legislações promulgadas; neste tempo em que a Justiça é uma mesalina passiva, de cujo alcouce saem os rendimentos para as ostentações das sociedades dirigentes; neste tempo em que acima da collectividade, as funções das classes que dirigem o mundo são exercidas quasi só pelas nullidades empavesadas, guindadas pela patifaria humana; neste tempo em que o merito é um galé (coitado), amarrado ahi ao poste da obscuridade, deslebrado, desrespeitado e motejado até; neste tempo em que a virtude é um aleijão completo, detestavel como um cão leproso, abominavel como um microbio de peste; neste tempo em que o Vicio é um Rei, Senhor e Deus, passando triumphalmente, n'um viatico custoso, sob o pallio de nossas aclamações; neste tempo, digo, cumprir um dever, é ser mais que homem de bem, é oppor-se á corrente de acções humanas, é atirar-se ao seio das minorias contra as imposições tacitas das maiorias, é arrostar com o desprezo de uns e a indifferença de outros, é provocar todas as difficuldades da vida, é, n'uma palavra, ser um heróe.

No vosso procedimento, pois, ó vós que vinde das pugnas sanctificadas pelo soffrimento dos opprimidos, há a grandeza limpida de um heroismo inatacavel.

Os vossos feitos foram e são, por assim dizer, um pedaço dessa ponte atravessada sobre o rio das torpezas, para que nelle não se precipitem todos os caracteres.

Portanto, eu que tenho a consciencia a fazer-me escravo e entusiasta de todos os heróes pela coragem, pelo amor ou pelo pensamento, levanto-me do minha humildade e do meu retiro para acclamar a vossa gloria, para mandar minha alma e minha palavra curvarem-se ás vossas plantas, bendizendo vossos nomes:

Sede benditos, ó vós que um dia não visteis o pranto de vossas esposas, de vossos filhos e de vossos paes, porque tinheis os olhos voltados para um povo negro que chorava de dor.

Sede benditos, ó vós que não attendesteis aos interesses de familia, e ao calor vivificante do lar domestico, para attender ás imposições do dever e ás supplicas de uma raça villipendiada.

Sede benditos, ó vós para quem as caricias de casa não são mais doces que os espinhos da lucta, nem a paz da cidade é mais suave que as cruas das refregas, se se tracta de servir á Liberdade.

Sede benditos, ó vós para quem os banquetes custosos não são mais sabrosos que a fome das noitadas, nem o calor do leito conjugal ou do regaço materno é mais confortavel que as intemperies do tempo quando, se tracta de praticar o bem.

Sede benditos, ó vós para quem acima dos gosos, dos interesses e da felicidade pessoal, existe alguma cousa mais, existe a paixão pelo justo.

E vós, reprobos, vós degenerados, vós para quem a Liberdade, a Igualdade, a Fraternidade, o Direito, a Justiça e a Lei não devem passar dos livros sinão para vosso beneficio; vós para quem as grandezas d'alma, os deveres civicos e a felicidade humana consistem nos vossos prazeres, nas vossas ostentações, nas vossas conveniencias, sede para sempre maldictos. Cáia sobre vós uma maldição tão grande e tão eterna que se estenda de seculo em seculo, por todas as vossas gerações, até a consummação dos tempos.

E vós, soldados da Liberdade, redemptores dos captivos, salvadores dos opprimidos, sede mais uma vez bendictos, sede tres vezes bendictos, porque vós sois os unicos elementos capazes de derrocar este mundo infame onde é heróe... o que cumpre o seu dever.

GLYCERIO RODRIGUES.

## O VISITADOR DO BISPADO

O reverendo doutor Arco Verde na sua faina de apertar os padres por todos os modos, e reduzir essa classe a méros sabugos, resolveu escolher entre os padres de mais virtudes do bispado, um para visitador de freguezias.

Depois de um exame espirital e de invocar o Divino Espirito Santo, Este lhe inspirou que neste bispado os padres mais virtuosos, caridosos e de vida exemplarissima eram os reverendos Paschoal Gazineu e Jones Nery.

O sr. Arco Verde, cheio de escrúpulos porque essas nomeações de visitadores

dependem de certas circunstancias especiaes, foi aos padres salesianos e depois de rezar por espaço de duas horas, tornou o Divino Espirito Santo inspirar-lhe que dos dois... não havia escolha. Então o sr. Arco Verde, qual Alexandre da Macedonia cortou o nó gordio e fez o Jonec visitador.

Não tem razão o padre Nicolau Gazinou de andar triste pelos cartorios e advogados, porque o sr. Arco Verde, é justo, e o nomeará na primeira occasião, visitador dos conventos de freiras, deste bispado.

13 DE MAIO

Sete annos ha que o Brazil ainda gemia, acorrentado aos duros ferros de uma depressão cruel, que horrivelmente opprimia seus desditosos filhos que tanto tempo soffreram o jugo violento de uma escravidão, que assaz nos abatia perante o mundo civilisado.

Sete annos ha que o Brazil tinha uma mancha, e essa era a escravidão sob a qual gemiam milhares de nossos irmãos, e o 13 de Maio de 1888, facultou ao brasileiro o titulo de irmão, igualando as nossas condições sociaes.

E salvou-se de lastimosa ruina o povo que, desasombroso agora corre ao fastigio da grandeza.

Salve a lei sob n. 3353, de 13 de Maio de 1888!

S. Paulo, 13—5—95.

M. FONSECA.

O CARRO DO BISPO

No antigo regimem em que a igreja estava unida ao Estado, a camara municipal, desses tempos idos, fez uma postura proibindo que os cocheiros da praça trabalhassem, desde quinta-feira santa até sabbado de alleluia ao romper da dia.

Era um signal de respeito ao Filho de Deus, que vindo do céu para salvar o genero humano foi crucificado, morto e sepultado.

A recordação desses mysterios, apesar de tantos seculos, ainda faz estremecer os corações mais duros.

Os cocheiros da praça, apesar de separada a igreja do Estado, e não ter effeito mais essas posturas municipais, recolhem-se a suas casas respeitando esses dias.

O sr. Arco Verde, bispo reformista que quer supplantar o clero brasileiro introduzindo uma tropa de frades estrangeiros para se apossarem dos nossos bens, não respeitou a quinta e sexta-feira santa.

Para vir de sua casa que é perto da cathedral, mandou atrelar ao seu carro dois cavallos para o conduzirem com o luxo.

Naturalmente elle havia de dizer consigo... se no tempo de Jesus-Cristo houvesse carro, Elle não andaria a pé.

AS CONSEQUENCIAS

Mais de um lustro decorreu já desde o dia glorioso em que pudemos dizer que no Brazil não havia mais escravos!

Esse periodo, posto que nullo na vida de um povo, é já sufficiente, para se avaliarem as consequencias do facto da libertação de uma raça.

Foi proveitosa a abolição da escravatura?

Ninguém o poderá negar!

Sob o ponto de vista humanitario, nem é preciso insistir, é uma cousa intuitiva!

Nós proprios, os brasileiros, nos sentiamos humilhados, perante a civilisação universal, quando attentavamos, para a mancha que nos envergonhava aos olhos dos estrangeiros que nos visitavam!

Em face do nosso progresso, em geral; é fóra de duvida que a libertação dos escravos, foi de consequencias beneficas, porque a lavoura se desenvolveu, ao contrario do que diziam os pessimistas e todas as industrias se expandiriam determinando um consideravel augmento das rendas publicas.

Este ultimo facto é tão palpavel, que já tem sido levado á conta de outro acontecimento social; posto que, nem por sombras, a elle se possa attribuir. Antes, pelo contrario!

Relativamente ao interesse social, seria vantajosa a cessação do captivo?

Certamente, porque desapareceu uma classe de parasitas que viveriam exclusivamente da seiva da arvore da escravidão!

Além disso, concorreu para a restauração do sentimento de humanidade, embotado pela pratica de actos de crueldade inherentes á instituição maldicta!

Mas, si o facto desapareceu, as consequencias perduram!

Beneficas, umas; nocivas, a maior parte!

Não se deve attribuir a outra origem a indiferença, a apathia mesmo que o brasileiro demonstra pelos negocios publicos!

Essa indiferença orça, ás vezes, pela covardia!

Seja quem for que governe, para elle é o mesmo; com tanto que o não incomodem, no seu bem estar!

Esse phenomeno observa-se, desde a revolução de 1842, pelo menos, em S. Paulo!

O contacto com o escravo abastardou o caracter nacional; o isto é uma verdade incontestavel, por mais que doa ao nosso melindre!

O apparecimento do verdugo, cuja existencia foi, para todos, uma triste revelação, ainda é uma consequencia da escravidão!

Esses monstros de ordem social, são a revivencia dos feitores que retalhavam as carnes do escravo!

São descendentes dos senhores perversos, educados entre o espadano do sangue e o sibilar do açoite!

Herança do captivo, é que isso é!

Estará, pois, completamente livre o Brazil?

Não serão precisos abolicionistas de outra especie?

Antonio Bento poderá se recolher á tenda do descanço?

Só o futuro o poderá dizer!

JOÃO VIEIRA DE ALMEIDA.

ARMAZENS MUNICIPAES

Em épocas tristes por que passou S. Paulo, logo depois do enorme jogo da bolsa, os mantimentos ficaram por um preço tão elevado que quasi a pobreza morria de fome.

Providencias nesse sentido quiz a camara dar, com a melhor boa intenção.

Nem sempre as boas idéias encontram pessoas de patriotismo que as realize.

A pratica é a lição mais terrivel desta vida.

Armazens foram creados onde se vendiam, não aos pobres, mas os que dispunham de meios, sem necessitar da protecção da camara.

O escandalo chegou ao ponto de se annunciarem generos por atacado e a varejo, como se aquillo fosse um estabelecimento commercial e não uma succursal para os pobres.

A camara nada remediou com essa medida e até hoje o povo não sabe quaes as contas prestadas pelos directores dessa nova intendencia.

A verdade é que comeram todo o dinheiro, a camara municipal não socorreu a pobreza e nós que pagamos impostos ficamos sem saber o fim do nosso dinheiro.

Estamos convencidos mais que nunca que o socialismo ha de ser a ultima palavra do seculo futuro em quanto Deus não mostrar ao homem outra causa melhor.

Uma dicisão juridica

Sem offensa aos magistrados que actualmente mantem e administram a justiça nesta capital, pondo de parte a suspeição para um e amizade para alguns; o doutor Mello Alves, que não conhecemos de perto, é decididamente destorcido e estudioso.

Em uma questão que se aventou no jury, ficamos conhecendo que elle não se leva por cantigas.

Um barrabotas ou borrobotas, um patife qualquer, lembrou-se de assassinar um tal Paiva que nem é poeta nem latoeiro como um caiphaz nosso.

A viuva não fez parte no processo, deixou correr por conta da justiça publica.

No dia do jury, tendo de ser julgado o criminoso, larga o heróe da Penha do Rio do Peixe, o seu habito de terceiro do Carmo, e com sua enorme queixada, que nos faz lembrar os primeiros habitantes do globo que eram carnicosos e por isso dentuços e queixudos, como demonstra os archeologos de borra, que temos lido; e vai sentar-se como accusador, tirando os direitos os direitos ao promotor, só para fazer safra, como fez na Penha do Rio do Peixe.

O dr. Thomaz Alves, tirando um delicado pentinho que tem um espelhinho, destes que os turcos vendem, passou na primorosa pastinha que traz sobre a testa, e que o Peruche affirma ser postica (sem provas) e... discidiu a questão juridicamente, tendo o apoio, que não precisa de todos aquelles que estudaram direito no tempo em que elle se estudava.

O esguio santarrão do Carmo, la foi rezar um *padre nosso* por alma do Joaquim Fermimo, principio de toda sua riqueza, mas tambem, de toda a sua impopularidade entre o publico.

Festa de Nossa Senhora dos Remedios

Hoje deve celebrar-se na Igreja da Confraria de Nossa Senhora dos Remedios, uma solemne festa, consistindo em missa cantada ás 10 horas da manhã.

A orchestra será regida pelo maestro Manoel dos Passos, já muito conhecido pelas suas composições.

Ao Evangelho presta-se a pregar o conego Manoel Vicente, uma das glorias do nosso clero brasileiro.

A tarde percorrerá as ruas da Liberdade e Gloria, a sagrada imagem de Nossa Senhora e tocará na procissão, por promessa que fizeram no tempo da revolução, a conhecida banda do maestro Verissimo.

Pensamos que se outros não dão importancia e esquecem-se da memoravel data de 13 de Maio a Confraria de Nossa Senhora dos Remedios, que tantos serviços prestou á causa da abolição, nunca deixará passar despercebido esse dia.

Ao meu distincto chefe e aos meus companheiros de luta

As datas celebres nunca desaparecem da memoria dos povos, e o dia de hoje assigna uma era gloriosa na historia do Brazil.

Um dia Mirabeau, em um daquelles arroubos de viril eloquencia, com que ora desencadeava, sublevava e fazia rugir, e ora applicava e tornava mansas e tranquillias as ondas populares da Franca de 1789, deixou escapar de seus labios, estas sublimes palavras: *a liberdade é a alma de nossa alma.*

Com effeito, a liberdade é a alma de nossa alma, porque ella é a vida moral do homem; é o alvo constante e permanente de todas as nossas aspirações na vida social; é o centro de gravitação para onde convergem de continuo a nossa vontade e os nossos esforços; é o espirito veificante que alenta e anima a nossa actividade; e, finalmente, é a fonte primordial de todo o direito e a origem de todo o dever.

Quando o homem se entrega ao trabalho e inquebrantavel affronta ousadamente o pesado labor sem acurval-o ao peso das fadigas, sem deixar-se dobrar e assenhorear pelo cansaço, nada mais faz do que deixar-se dominar pelo pensamento da liberdade. E trabalhando, o que procura elle? Quer apartar de si as necessidades que lhe peam, que o embarçam; quer dilatar, augmentar, multiplicar os seus meios de acção; quer dar maior espaço, estudar a esphera onde se exerce a sua actividade; em summa, quer ser mais livre.

Da mesma sorte, quando a lei assigna a norma de conducta que o homem deve ter em face de seus semelhantes na sociedade, estabelecendo as regras que devem reger as relações sociaes, nada mais faz do que procurar salvaguardar a liberdade do cidadão. Não ha duvida, o homem, ente intelligente, astro rei na criação, seria um ser inexplicavel, sem sua liberdade: ao influxo suave das verdadeas moraes, desabrochadas com o christianismo, a liberdade sublimou-se, tornou-se sagrada e divina.

Christo, o proprio Christo, preferiu affrontar a morte que lhe deram no Golgotha; a attentar contra a liberdade humana, esmagando os seus algozes.

A civilização, a marcha continua das sociedades tornou esta verdade tão intuitiva que não se poderia mais desconhecê-lo; a sua luz brillou, com raios tão puros e penetrantes, que nem mais a cega obstruição pode pol-a em duvida.

Entretanto, contrastando com os sentimentos geraes do genero humano,

com as luzes da civilização, existia entre nós a escravidão—uma classe de individuos encadeados ao captivo, privados daliberdade, sujeitos ao poder de um seu semelhante. Esse fatal principio, inoculado na nossa sociedade, pelos nossos antepassados, existia ainda entre nós, e no meio da contextura da nossa sociedade achava-se preso aos nossos habitos, arraigado e defendido pela lei. Arrancal-o, eis a questão difficil que a lei de 28 de Setembro de 1871 se propoz a solver.

O Estado tinha o dever de amparar e defender os desgraçados, sujeitos ao captivo, garantindo a elles como homens, sem direito a liberdade.

Havia, porém, uma difficuldade séria que antolhava ao encarar esta questão: *« Por mais triste que julgasse a posição do escravo, por mais doloroso que lhe parecesse o seu infortunio, não podia perder de vista a posição dos senhores, que autorizados pela lei, tinham adquirido essa propriedade.*

Para um e outro facto, attendeu a lei de 28 de Setembro, determinando a emancipação gradual e lentamente, mediante a indemnisação dos senhores; e assim em cada municipio, obtinham liberdade cinco, seis ou mais escravos, por anno.

Mais tarde, surgiu em todo o antigo Imperio do Brazil, uma numerosa phalange de abolicionistas, que levados unicamente por nobres sentimentos, por sentimentos generosos, como a humanidade, a caridade e verdadeiro amor do proximo, trabalharam e esforçaram-se pela extinção da escravidão, de um só facto, tomando parte saliente nesse movimento, os abolicionistas de São Paulo, que guiados pelo venerando, distincto e intrepido chefe dr. Antonio Bento, estabeleceram o seu quartel general á rua do Imperador, desta capital, o qual tornou-se um verdadeiro templo de caridade e humanidade, onde de minuto em minuto, eram recebidos e apertados em seus braços, esses infelizes—chamados *escravos*, e onde encontravam tudo quanto desejavam e necessitavam, e ainda mais, no meio de risos e carinhos, ouviam estas doces e consoladoras palavras: *não ha mais escravos, voces são livres.*

E tal foi a propaganda abolicionista, que o nosso governo teve necessidade de declarar extincta a escravidão no Brazil; o que mal nos causou o facto de se desprender desses infelizes os elos que os ligavam ao captivo e desvendar-lhes esses novos horizontes só esclarecidos pela liberdade; e sociedade, extendendo-lhes a mão os receber em seu gremio e os iniciar na vida dos homens livres? Nenhum; o sol não perdeu, por esse facto, um pouco de seu brilho; a terra não tornou-se menos fecundada; e a sociedade não soffreu o menor choque: somente naquelles corações onde se aninhavam os nobres sentimentos de amor da patria, amor do proximo e amor da humanidade houve uma profunda emoção de jubilo, e esses individuos ficaram com a alegria no rosto, com a felicidade e gratidão n'alma, pois que o sol de 13 de Maio, em vez de allumiar-lhes o infortunio e a desgraça, veio desprender-os do captivo e annunciar-lhes o desaparecimento da desigualdade que existia entre os homens.

Eu te saúdo—13 de Maio; e saudando-te, não posso esquecer-me dos meus antigos e valentes companheiros de luta: doutores—Antonio Bento, Fernandes Coelho, Liberalino de Albuquerque, Mattoso Ferraz e Fernando de Albuquerque; solicitadores—João Fernandes e Francisco Guimarães; tabelião Archanjo; escrivão Climaco; majores—João China e Octaviano de Oliveira; capitão Albino Bairão e os cidadãos—Alfonso de Albuquerque, José Candido Raphael, Casimiro Correia Pinto, Bento Soares de Queiroz, Antonio Paciencia e tantos outros aos quaes tambem saúdo e abraço.

S. Paulo, 13 de Maio de 1896.

HLPPOLITO CRUZ.

CHRONICAS DOS AÇOUQUES

Realmente esta capital deve um grande melhoramento ao sr. Cosario Rajho, a quem nunca vimos mais gordo.

A justiça é o predicado mais nobre do homem patriota e honrado.

Ha poucos dias, indo nós a camara

municipal, conversar com o amigo o caiphaz Carlos Garcia, emquanto o esperavamos, ouvimos o dr. João Bueno conversando com o capitão Arruda.

Espumava o doutor João Bueno entusiasmado descrevendo as pinturas dos açouques, o da *Bona Acolhensa* tem *partituras* sublimes meu capitão.

Um boi avança para um capinha; quando ia chegando com os chifres no fim do suan do dito, este pula uma barreira e faz uma careta para o boi.

Mansini e Garibaldi que assistiam empavidos a tourada, quasi que riram-se.

Ha outra partitura de idéa superior.

Um sujeito está fumando, sentado em um barranco, passa um porco gordo elle segura pelo rabo, o porco não pode soltar-se e homem com enorme pito fuma emporido, como se não tivesse feito grande sorte.

O açouque do centro, meu capitão, aquelle que fica alli entre o Braga chapelheiro e o antigo hotel Silva derubado pelos caiphazes, tem uma allegoria que nada me agradou.

Nada mais nada menos que um cão roendo um osso.

Isto é uma injuria á aquelles que quando estão roendo o osso do Thezouro, estão calados.

Quando o João Bueno estava na força do entusiasmo e o Arruda ia dar parecer sobre as vacas da Rua da Esperança, entra o capitão Lagóa e propõe uma sociedade protectora dos animaes.

Isto é uma injuria aos bois, porcos, e carneiros que por ordem do sr. Lagóa e em sua presença são decepados no curral.

O sr. Lagóa sempre tem por costume atrapalhar as discussões quando ellas estão no auge do entusiasmo.

Não sei que discussão houve outro dia na camara que o sr. Lagóa veio fallando em cartorio do Bourroul.

Estaremos nós por ventura no tempo de Felipe 3.º, da Hespanha, tempo em que o Conde Duque de Olivares autorisava a venda de empregos?

Venda de jornaes na missa

Sempre implicamos com certos typos que com o titulo de beatos protectores de igrejas enchafardão-se em uma opa, balandran ou habito e acompanham o celebrante ao altar nas ladainhas, missas e novenas.

Estes typos esperam que as igrejas estejam cheias de beatas, especialmente moças e depois a titulo de qualquer cousa estão passando pelo meio das ditas, ora para fecharem uma porta aberta, ora para abrirem uma que está fechada, ora para verem um apagador e tornar encostar no canto, ora para fallarem ao sineiro sobre negocio sem importancia; sempre com voz assucarada a pedir licença, pisando no vestido das beatas bonitinhas; machucando o fim das costas das velhas frescalhonas..... são uns typoses.

Agora inventou-se cousa nova para perturbar os que vão ao templo para rezar.

Dizem que o privilegio da invenção partiu da igreja de S. Gonçalo.

E' andar um borra-botas, com cara do diabo, com um saquinho e um maço de jornaes que ninguem lê, a vender justamente na occasião em que o padre communga.

Não haverá um geito de acabar-se com esta especulação ecclesiastica?

Pois Christo para pregar a sua doutrina, precisou de jornaes?

Hoje será o jornal o Divino Espirito-Santo que inspirava os pescadores da Galliléa a morrerem pela causa mais santa que o mundo tem visto?

Ora bollas!!!

## O MONUMENTO DO YPIRANGA

Não sabemos a razão pela qual o unico monumento histórico da nossa patria tem plantado em seu alicerce uma enorme caieira de burro.

A sua primeira pedra, ainda nos lembramos ter partido da casa do antigo consul portuguez, o sr. Duarte Rodrigues.

Uma grande porção de operarios estrangeiros, armados de picaretas, foram festejar a 1.ª pedra que se lançava no alicerce daquella obra infeliz, um borbotas que vinha do Norte, presidir a então provincia de S. Paulo.

Posteriormente foi entregue essa obra aos cuidados de um engenheiro italiano, que despendeu infinidade de contos para fazer cousa imperfeita, toda com materiaes estrangeiros: pinho de Riga e marmore de Carrara, desprezando os materiaes que as nossas antigas provincias podiam fornecer para rememorar as lembranças da patria.

Só trabalhavam naquelle infeliz monumento, se tal nome merece, operarios napolitanos, porque o engenheiro era napolitano, como si Nápoles tivesse concorrido directa ou indirectamente para a nossa independencia.

Hoje, aquelle estabelecimento acanhado, cheio de corredores e plateandas, columnas e arabescos, que só servem para mostrar o adiantamento da arte na Italia, está reduzido a um museu, entregue aos cuidados de um allemão que só recolhe para empregados os seus patricios, de sorte que, nem ao menos os pobres brasileiros podem governar aquillo que é seu.

Ali fala-se allemão, *chas treque*, e é só *chas treque* para lá, *chas treque* para cá.

A unica vez que fomos ver aquella collecção de marmores e pinho de Riga, estava o director dando murros em um empregado, de sorte que, além da má impressão que nos causou aquella porcaria, ainda tivemos de assistir a esse triste espectáculo: vendo o director ludiciando com um seu inferior.

Estamos informados ainda que a mulher do director governa mais que o marido. No proximo numero ambos farão annos

## Relatorio do Caifaz Boanova

O unico inspector de districto litterario que se lembrou de mimosear-nos com seu relatorio, foi o nosso caifaz Boanova.

Tambem, si o governo se lembrasse de nomear só pessoas de habilitações como este nosso antigo companheiro, para estes logares, a instrução seria uma realidade.

Infelizmente, entre os inspectores, podemos affirmar ao sr. Cezario Motta, bom republicano, que ha um que não sabe ler nem escrever.

Uma dos acertos do relatorio do nosso bom amigo Boanova é o seguinte:

«Importamos professores estrangeiros que desconhecem o nosso «meio, que ignoram a nossa lingua.»

Lastimamos de coração ser o nosso jornal tão pequeno e dispôr de pouco espaço, para analyzarmos esse relatorio que é realmente uma das cousas bem feitas que temos visto este anno.

## A Redemptora

Tantas e tão bellas cousas se tem escripto, commemorando a gloriosa data de hoje, que assignala nas paginas de nossa historia patria um dos mais bellos feitos nacionaes, que, por muito que se procure, não se encontra elementos que possam enriquecer o archivo de tão elevada commemoração.

Poderá existir algum ente humano que soffresse o pesado e cruel jugo da escravidão ou algum de seus descendentes, que no grande dia de hoje não sinta no intimo de seu coração uma doce saudade daquella senhora que comprehendendo a suprema vontade de seus vassallos, tao sabiamente soube apagar a nodosa negra que maculava a historia de nossa patria: a escravidão; e abrilhantando-a com a sublime estrella da Redempção?

Qual o athleta, nacional ou estrangeiro, soldado ou chefe que, com descomensurado denodo bateu-se por essa causa santa: redempção dos captivos, sacrificando sua propria vida e haveres na lucta titanica travada com os verdugos, que não vá, embora em seu ideal, d'por uma corôa de flores aos pés daquelle que baniu do solo brasileiro, para sempre, a onda negra da escravidão?

E' de suppôr-se que nenhum desses

obreiros, na sublime data de hoje, se esquecerá de render justa homenagem a Redemptora.

Pertencendo a essa gloriosa phalange, daqui, de bem longe, no meu ideal, envío á exilada uma corôa de rosas como uma pallida lembrança em commemoração a data assignalada de hoje, como um dos mais elevados feitos nacionaes que immortalizou o glorioso nome de sua auctora—A Redemptora.

Ribeirão Preto, 13 de Maio de 1895.

J. P. DA MOTTA JUNIOR.

A 13 de Maio de 1888, a Patria commovida, mas radiante de alegria e coberta de flores, inclinava a frente para ser cingida pela corôa de louros que uma raça de martyres redimidos lhe havia consagrado.

A 15 de Novembro de 1889, esta mesma Patria, de frente activa e ao som de festivos hymnos, recebia as aclamações de um povo que delirantemente a saudava pela conquista incruenta de sua emancipação politica!

Hoje, que se completa o 7.º anniversario da 1.ª daquellas memoraveis datas, quando a Mãe commum devia ostentar garbosa as mais pomposas galas por aquelle grandioso feito, vemol-a abatida, coberta de crepe, inundada de lagrimas, prantear a sorte de seus allucinados filhos que, sedentos de sangue, de odio e de vingança, quaes feras indomitas, dilaceram-se no mais hediondo e horroroso dos fratricídios!

Inditosa Patria!  
Deus se compadeça do teu porvir!  
Itapetininga, Maio, 95.

F. PEREIRA GOMES.

## Chronica de annos

Faz annos na Aparecida o conege Henriques por só escrever asneiras.

— Fazem annos na Penha do Rio do Peixe os assassinos do infeliz Joaquim Firmino.

— Fazem annos na Ressaca, os assassinos de Antonio de Paiva.

— Faz annos elevado ao cargo de capitão graduado da policia, o façanhudo Pacáú, capitão do matto por officio.

— Fazem annos no inferno todos os capitães do matto que morreram, inclusive o Mimi, si tiver morrido.

— Faz annos em Jundiáhy, a pedido do Chiquinho Cruz e Joaquim Elias, o capitão barbeiro, sangrador do batalhão dessa localidade e ex-senhor da preta Esmeria.

— Faz annos em Pirassununga o Soares, capitão do matto, si ainda viver.

— Fazem annos nesta capital alguns tratantes que, aproveitando a simplicidade dos libertos comem seus bens.

— Por estes e outros factos o Guita não faz annos.

— Fazem annos todos aquelles que, pondo delado o patriotismo, empolgando posições, prejudicam o futuro da nossa patria, reduzem o paiz a pandarecos.

— Ficam dispensados de fazer annos todos aquelles que por ignorancia e falta de patriotismo oppunham-se á libertação dos escravos.

— Ficam esperados para fazer annos no numero seguinte, diversos typos e typões que, por estreiteza do nosso jornal, não podem fazer este anno.

## Como se arranja um par de botas

Durante o regimen militar que tanto infelicitou a nossa patria, os antigos donos desta terra levaram por muito tempo mordendo os freios e batendo os pés por causa das moscas.

Muitos procuraram na Europa, Asia e Africa um meio de esquecerem-se que neste mundo o dinheiro nada vale.

Inaugurando o regimen civil, com a eleição do dr. Prudente de Moraes, que apezar de não ser santo de nossa devoção por não ter sido francamente abolicionista, primeira condição do republicano, julgamos no entretanto a nossa patria feliz, por ter como primeiro magistrado da Nação um homem honrado e intelligente.

Que só republicanos historicos é que devem dirigir o paiz por muitos annos, é nossa convicção sincera; por

que só assim o povo pode acostumar-se e estudar um systema completamente novo.

Além disso quem inventou a moda deve aguentar com o repucho.

Porém os taes que não dormem, saudosos dos tempos em que duas familias ricas e poderosas governavam esta terra, dando bons empregos a parentes e o resto para os aduladores, levantaram a balela de uma candidatura sem fundamento, para a presidencia deste Estado.

Quem será o eleito a não ser comprado, que deixará de votar num republicano historico, para votar num operario de obras feitas e que abraça todas as idéas quando estão no fim.

O povo que se livre dos antigos dominadores.

A termos republica que ella não seja mascara da monarchia.

Entre os republicanos historicos ha muita gente boa para presidir os destinos deste Estado, sem pedir de esmola, nas familias gastas, um senhor para nos governar.

Quem tiver dinheiro coma-o, porque a intelligencia é predicado do homem pobre.

Lembrem-se do presente que fizeram os gregos aos troianos.

## Cousa triste

Temos constantemente lido jornaes sem que estes façam observação alguma, fallecimento, especialmente de creanças, sem assistencia medica.

Numa capital como a nossa, onde existem 384 medicos; onde a junta de hygiene occupa perto de 100, é doloroso ver-se todos os dias, nos jornaes a noticia de fallecimento de pobres em extremo abandono.

Quanta gente que podia ser util ao paiz morre a mingua por não poder pagar medico e botica.

Pois não podia-se no Asylo de Mendicidade estabelecer uma pharmacia para os pobres, e esses medicos que se occupam em examinar estrumes e latrinas, curarem os pobres de graça?

Que importancia tem para a hygiene andarem os medicos a examinar quintaes e obrigarem fazer portas das janellas e janellas das portas? Isto é um facto ridiculo que só tem por fim devassar o lar de familia, fazendo os medicos o papel de espião de policia.

Não é a junta de hygiene que tem livrado S. Paulo do cholera morbus, da febre amarella, da bexiga e outras pestes que affligem a humanidade.

S. Paulo tem bom clima por sua posição topographica.

Para os medicos, Deus permitisse epidemias constantes para fazerem safra.

Porque razão não se estudam as molestias do coração que são constantes e mais mortalidade dão?

Não será por que esse orgam está no interior de dentro como dizia o Bento Botuca do Braz?

Examinem as bebidas falsificadas que abundam e vendem em leilões; queijos podres, bacalhau fedido, carne avariada e terá a junta prestado melhor serviço do que andar escarafunchando as latrinas.

Sr. Cesario Motta, supprima essa quantidade de vadios sem clinica e nomeie para cada freguezia um bom medico que cure os pobres de graça.

Tres pharmacias, uma no Asylo, a do Estado e a que tem na Santa Casa poderião attender a pobreza.

O mais tudo é pomada e pagar vadios a custa do povo.

## Cousas com que implicamos

Com a barba ingleza do Avelino Figueiredo.

Com a prosa de certos typos que desertaram do Paraná e aqui vieram fazer figura.

Com o escrivão do registro de hypothecas, por contar aos parentes as hypothecas que se faz.

Com as vendas de terrenos ao governo por preços exagerados.

Com sujeitos que andam de cartola, sobrecasaca, calça de casemira e salteira nas botinas.

Com aquelle negocio de venda de sabro nos terrenos onde morou o velho Furtado.

Com a prosa do club da pharmacia, onde o capitão Ismende dá gritos medonhos, sem saber fazer nem ao menos uma pilula.

Com o theatrinho do Asylo de Mendicidade, onde só se põe em ridiculo os pobres pretos e caipiras.

Com o facto de nas escolhas modelo não se admittirem creanças de côr preta.

Com o facto das irmãs de caridade do Seminario da Gloria fazerem das pretinhas creadas das brancas.

Com tres typos doutores que aproveitam a sua riqueza para conquistar as filhas dos pobres operarios, fazendo ponto de partida na alfaiataria Siqueira.

Farão annos esses typos, com seus respectivos nomes no proximo numero.

Com a hospedaria de immigrants em S. Bernardo, porque naturalmente isso tem dente de coelho.

Com o dr. Paulo Bourroul por perseguir a viuva do pobre carpinteiro Barros.

Com o proprietario do quartô n. 55 A, da rua da Gloria, porque não está nas condições de ser habitado e por não ser visto pelo doutor Paulo Bourroul, inspector da hygiene.

Com todos aquelles que servem-se de seus cargos para perseguir ophams e desamparados.

Com o sr. Arco-Verde, por querer supplantar o clero brasileiro, introduzindo no bispado uma troça de frades e padres estrangeiros que enriquecem de tanto servir a Deus e ao proximo.

Com o noticiario do *Diario Popular* que affirmou não ter o sr. bispo Lino feito testamento, por ser pobre, quando deixou fortuna de 400 contos.

Com todos os padres que morrem sem deixar dinheiro para as instituições pias, quando ganham com rezas e cantorias.

## A memoria dos companheiros

A Providencia Divina na sua faina de reformar a especie humana, substituindo-a todos os annos, feriu o povo abolicionista extinguindo a vida de tantos amigos.

A morte do conselheiro Dantas, essa intelligencia robusta que podia ser aproveitada na reforma da patria que tanto precisa de patriotas sinceros, foi um claro terrivel em nossas fileiras.

Morreu justamente na occasião em

que os espiritos preocupados com a revolução, não lhe poderam prestar as homenagens merecidas, como o homem mais popular do Brazil.

Nesta capital tivemos que lamentar a morte do bom caiphaç João do Carmo Madeira, popular entre os abolicionistas, não só pelo seu alegre espirito em todas as reuniões, como pela forma revolucionaria porque resolvia as questões.

Entre os caiphases cocheiros, a morte fez claro decependo a vida do bom Vicente Eboli, que tambem foi excellente companheiro nas lutas abolicionistas.

Tambem falleceu a tia Rita, mulher do pai Gonçalo. Coitada, era uma boa caiphaz!

Toda esta gente pobre, que para os outros nada vale, rodeando o redactor principal desta folha, prestou serviços tão relevantes que jámais serão olvidados.

## 13 DE MAIO DE 1895

A aurora de 13 de Maio de 1888, espancando as trevas que ha mais de tres seculos envolvia na escravidão uma raça infeliz, jámais poderá ser olvidada por aquelles que, com tanto denodo e civismo, derrocaram os dominios escravocratas e ahi hastearam a bandeira da liberdade.

Oxalá que a aurora de 15 de Novembro de 1889, infelizmente quasi extincta pelas ambições politicas de uns e pelo indifferetismo de outros, possa, em futuro não remoto, mostrar-se radiante e indicar a esta infeliz republica o caminho do dever.

A. ARCHANJO.

## 13 DE MAIO

Já lá vão sete annos e ainda echôa no coração do Brazil o som jubiloso e festivo desse grande dia, o maior de todos da America do Sul.

A Fraternidade em um só amplexo unia todos os brasileiros, para a cooperação da felicidade da Patria.

S. Paulo, o baluarte da emancipação, erguia-se activo sobre a victoria alcançada na redempção de um povo. Foi de S. Paulo que partiu o grito da Independencia da Patria, e era justo que delle tambem partisse o da emancipação de uma raça, que muito tinha contribuido para a sua prosperidade.

Quando no Ceará o Acarope, deu o primeiro grito de liberdade, já em S. Paulo existiam convictos e sinceros abolicionistas que, com a maior abnegação, exforcavam-se por ver realizada tão sublime idéa.

Sete annos e a alma brasileira ainda palpita cheia de jubilo pelo triumpho da mais santa das causas!

O que a muitos parecia uma utopia, tornou-se em pouco uma palpavel realidade.

Muitos dos cooperadores de tão grandiosa idéa já não existem: Rio Branco, Dantas, Luiz Gama, Ladisláu Netto, e tantos outros illustres abolicionistas descansam na paz do sepulchro.

Outros, mais felizes, contemplam ainda os salutareos effectos de tão elevado acortecimento: Antonio Bento, Joaquim Nabuco, José do Patrocinio, João Clapp, chefes da legião intemerata dos abolicionistas brasileiros.

Treze de Maio de 1888 é uma data immorredoura no coração dos brasileiros.

13 de Maio de 1895.

FRANCISCO DA SILVA.

A Redempção vende-se na rua Benjamin Constant, 4 A, typographia Magalhães & Gerlach.